

Às cinco com os símios

Cassiana Lima Cardoso¹

Banana nanica
Banana ouro
atraem uma certa visita
em busca desse tesouro

Pois a história que vou contar
é pura verdade verdadeira
Encontrei uns macacos em casa
se divertindo com minha fruteira!

Logo pensei em tomarmos
um chá como na história de Alice
Porém os macacos acharam
a minha proposta uma sandice.

“Aceito, minha senhora,
um pedaço daquele biscoito
banana como à vontade
carambolas, só um pouco.”

E ainda protestaram
contra aquele grande acinte
dizendo que o *Tea Party*
para eles não tem requinte

Tentei controlar o motim
“Cada um tome seu lugar à mesa!”
Mas fui surpreendida por um macaco
que disse, para minha surpresa:

“Olha, moça, não sou louco
Moro no Brasil
e só tomo

¹ Professora de Literatura no Instituto de Aplicação Fernando R. da Silveira, o CAp-Uerj, no Rio de Janeiro. É mestre em Poética e doutora em Literatura Comparada (UFRJ). É autora do livro *Desastrada e outros contos breves*, Coleção I, Mulherio das Letras, Editora Venas Abiertas. Os poemas publicados nesta edição de *Qorpus* pertencem ao livro infantil *O dia em que fui peixe*, ainda inédito.

uma boa água de coco!”

— Tem uma não?

Moral: Bananas saborosas não têm preço.

Maya e a morsa

A tarde é azul
e Maya almoça
(Ou deveria)
Mas há a morsa...

Papai e mamãe
querem dar papinha
mas Maya só quer
brincar com a morsinha.

Por que esse encanto
com a Morsa João-boba
que vai e vem
sem ter grande escolha?

Maya não sabe
Maya só gosta
do vaivém
de sua morsa.

“Papa Maynha” – fala Francisco
para a irmãzinha...
Mas Maya só sabe
sorrir para a morsinha...

— A morsa é grande
vive no Ártico
ela papa tudo
moluscos e crustáceos.

Mamãe fala isso...
mas Maya, indiferente
bate palminha
para a morsa, contente.

— Maya,

não faz assim...
faça como sua amiga...
Que não deixa escapar
Nenhuma comida!

Mas Maya não come
Maya não liga
e vai e vem
com a morsa, entretida.

A pequena Maya
na piscina de plástico
parece no oceano
com seu bicho aquático.

O dia em que fui peixe

*Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria?
Como pode um peixe vivo
Viver fora da água fria?
Como poderei viver,
Como poderei viver
Sem a sua, sem a sua, sem a sua companhia.*

Achei um peixinho morto
Na beirada da lagoa
Seu olhar era tristinho
Sua vida
Boa, boa...

Fiquei ali a fitá-lo
O dia era breve, breve
Pobrezinho do peixinho...
Não há quem a morte não leve...

Foi então que quis tocá-lo
Em uma carícia de despedida
Quantas cirandas brincara
Na tua curta, submersa vida?
Mas de repente...

Naquele momento emblemático
O peixinho deu um pulo
Dando uns saltos bem pro alto...

Seu lindo dourado
Assustou-me, reluzente...
Brilhou multicolorido, acrobático
Girando no ar velozmente.

O peixinho está vivo!
Como viver era mágico!
Vou jogá-lo lá no lago!
Para seu destino aquático...

Ah... Devia ter um circo
bem lá no fundo do lago!
Aquele peixe era um artista
Que deixara órfão o espetáculo!

(Um peixinho tão especial
Não devia ser ignorado
Ele deve ter deixado saudades
Em seu reino imaginário)

Porém de súbito quis
Tê-lo só meu em um aquário...
Senti uma emoção intensa
em meu pequeno coração equivocado
Gente grande deveria saber:
possuir é amar ao contrário...

Foi então que aconteceu
Algo muito extraordinário
O peixe falou comigo
Em um idioma muito raro

Seu olhinho, bem baixinho
Sussurrou no meu peito:
E se você fosse um passarinho
E fosse preso desse jeito?

Eu me pensei passarinho
Sendo o céu minha casa

Devolvi o peixinho para o lago
E fui-me embora
Que a vida,

A vida passa, passa.

Ode ao gengibre

Minha vó me pede uma ode
Mas não sei se consigo
É difícil dizer que amo
Uma coisa que nem mastigo.

Tubérculo, parente da cúrcuma
Primo também do cardamomo
Diz minha vó que devo comer gengibre
Só gostaria de saber como!

Ela me diz: “ele cura!”
Eu digo: “é muito azedo!”
Ela diz “é agridoce!”
E só de olhá-lo, tenho medo.
Não sou um garoto mimado
Não estou fazendo luxo
Até porque sei que o tubérculo
Não é um artigo esdrúxulo.

Dizem que é raiz
O que é algo muito errado
Tubérculo, nativo da Índia
Já foi quase sagrado.

Quase esqueço por um triz
De uma informação certa
Nos tempos antigos um punhado
Podia custar uma ovelha.

Como veem, sou um menino sabido:
“Que deveria saber umas verdades!”
“Vovó, não interrompa o poema!”
“O gengibre tem propriedades!”

Sou um menino austero
Mas vovó não compreende
Minha cabeça diz: “Coma”.
Meu paladar me repreende.

Finalizo minha ode
(não sem um pouco de vergonha)
Falei dos dotes do gengibre
Talvez algum dia o coma.

MORAL: Ouça sua avó, mas preste atenção no seu paladar.